

JOGOS ESCOLARES DIALÓGICOS

GUIA PRÁTICO PARA A TRANSFORMAÇÃO
DA COMPETIÇÃO ESCOLAR



SILVIO DO CARMO CAMARGO JUNIOR
OSMAR MOREIRA DE SOUZA JUNIOR

2026



DESCRIÇÃO TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Silvio do Carmo Camargo Junior

SUPERVISÃO GERAL

Osmar Moreira de Souza Junior

TEMPLATE

Canva

ILUSTRAÇÕES

**Nano Banana Pro
Acervo do autor**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Camargo Junior, Silvio do Carmo

Jogos escolares dialógicos [livro eletrônico] :
guia prático para a transformação da competição
escolar / realização Silvio do Carmo Camargo Junior,
supervisão geral Osmar Moreira de Souza Júnior. --
São José dos Campos, SP : Ed. dos Autores, 2026.

PDF

ISBN 978-65-02-02537-6

1. Competição 2. Educação física 3. Esportes
4. Ética 5. Jogos I. Souza Júnior, Osmar Moreira de.
II. Título.

26-348939.0

CDD-796.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física : Esporte 796.07

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O



SUMÁRIO

Apresentação	05
1.Organização dos Jogos	07
1.1 O modelo Sport Education (SE)	07
1.2 Os pilares do modelo Sport Education (SE)	07
1.3 Etapa de Filiação: Construindo o pertencimento	08
1.4 Como organizar a turma	08
1.5 Exemplos reais da nossa intervenção	09
2.Dinâmica dos Jogos	10
2.1 Metodologia Callejera: mais que um jogo, uma lição ética	10
2.2 A prática: O jogo em três tempos	11
2.3 Para COMPREENDER MELHOR: O Terceiro Tempo na Prática	12
2.4 Exemplo de Simulação de jogo com Metodologia Callejera	13
2.5 Resultados da intervenção	14
3.Diálogo na quadra	15
3.1 A centralidade da Dialogicidade	15
3.2 Como se portar: a postura do mediador	16
3.3 Sugestões de perguntas norteadoras	17
Considerações Finais	18
Referências	19

APRESENTAÇÃO

TRANSFORMANDO A COMPETIÇÃO UM NOVO OLHAR PARA OS JOGOS ESCOLARES

Para além do placar e da busca incessante pela vitória, os Jogos Esportivos Escolares têm o potencial de serem oportunidades de aprendizado sobre convivência, respeito e ética. Este e-book nasce da vivência em quadra de uma pesquisa de campo do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), na qual ficou evidente que é possível ressignificar a competição, tornando-a um espaço onde todos se sintam pertencentes e valorizados.

Em ambientes esportivos escolares, é comum observarmos a reprodução de desigualdades de gênero e o reforço de uma cultura de exclusão, em que apenas os "melhores" ou os mais fortes encontram voz e espaço. A ênfase no rendimento esportivo em busca da performance nas competições pode resultar em práticas opressoras contra os/as alunos/as menos habilidosos, resultando em exclusão e desmotivação pela prática. Muitas vezes, esses atos opressores resultam em atitudes machistas que reforçam a hierarquia de gênero, estabelecendo uma desigualdade de poder e protagonismo durante as práticas esportivas. Diante dessa situação-limite, inspiramo-nos na Pedagogia Dialógica de Paulo Freire, que nos convoca a ir além da "educação bancária" e a construir um conhecimento libertador através do diálogo, da reflexão e da ação coletiva. Freire nos ensina que a verdadeira educação acontece no encontro, na problematização do mundo e na construção do "inédito viável".

Para concretizar essa visão, nessa competição esportiva escolar propomos um desenho metodológico híbrido que articula duas abordagens potentes: o Sport Education (SE) e a Metodologia Callejera. Do modelo de ensino Sport Education (SE), emprestamos a estrutura que promove o protagonismo discente através da atribuição de papéis (treinadores, mediadores), a filiação das equipes e escolha das modalidades, a festividade do evento e o senso de pertencimento à equipe. Essa organização permite que os/as alunos/as sejam coautores/as do processo, desenvolvendo responsabilidades para além da performance técnica.

Complementarmente, a Metodologia Callejera oferece as ferramentas para a mediação dialógica e a construção coletiva das regras. Ao adotarmos o formato de "Três Tempos" (Pactuação de regras, Jogo e Roda de Reflexão), permitimos que os/as próprios/as alunos/as problematizem suas práticas, negociem as condições de participação e avaliem o respeito mútuo, colocando a ética no centro da experiência competitiva.

Este guia prático é, portanto, um convite a reimaginar os Jogos Escolares, transformando-os em práticas pedagógicas de cidadania onde o "vencer" ganha um novo significado: o de construir um espaço mais humano, justo e verdadeiramente inclusivo para todos e todas.



1. ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

O MODELO SPORT EDUCATION (SE)

O Sport Education é um modelo que busca transformar os/as alunos/as em jogadores/as competentes e entusiastas do esporte. Diferente das aulas tradicionais, ele organiza o conteúdo em "Épocas Desportivas", onde os/as alunos/as não apenas jogam, mas assumem responsabilidades reais pela gestão do evento.

PILARES DO MODELO SPORT EDUCATION (SE)

- 1. Época Desportiva:** O conteúdo é organizado em uma temporada longa (como um campeonato real), permitindo profundidade no aprendizado.
- 2. Filiação:** Os/as alunos/as permanecem na mesma equipe do início ao fim, desenvolvendo laços fortes e aprendendo a lidar com conflitos internos.
- 3. Competição Formal:** Os jogos são estruturados e agendados previamente, gerando um senso de seriedade e compromisso.
- 4. Registro Estatístico:** Tudo o que acontece é anotado, é realizado o levantamento de informações sobre a competição e na sua divulgação.
- 5. Festividade:** Momento de confraternização que deve ser estabelecido após cada etapa.
- 6. Evento Culminante:** Fechamento da época esportiva focado no protagonismo e na integração de todos/as os/as alunos/as.



A fase de Filiação é o coração da proposta híbrida para uma competição esportiva dialógica. É o momento em que a turma deixa de ser um conjunto de indivíduos e se transformam em equipes. Nesta fase, os/as alunos/as são divididos em equipes mistas e permanentes, onde permanecem juntos até o final da competição. A filiação gera um senso de identidade e responsabilidade coletiva, essencial para que a competição não seja apenas "vencer o outro", mas sim "evoluir com o grupo".



COMO ORGANIZAR A TURMA (SUGESTÕES PRÁTICAS)

- **Equipes Mistas e Equilibradas:** Evite que os/as alunos/as escolham apenas por afinidade técnica. O objetivo é o equilíbrio. Na nossa experiência, dividimos a turma em 3 equipes de 10 alunos/as, garantindo a diversidade de gênero e habilidades.
- **A Escolha dos Mediadores:** Na nossa intervenção utilizamos a figura dos/as Mediadores/as. Eles serão a ponte entre o grupo e o/a professor/a. Cada equipe deve eleger dois representantes (sugere-se um menino e uma menina).
- **Identidade Visual:** Permita que criem nomes e símbolos para o time. Isso aumenta o engajamento emocional.

Para inspirar sua prática, veja como aplicamos esses conceitos:

- **Democracia na Escolha das Práticas:** No período de filiação, as equipes se reuniram para sugerir quais modalidades queriam disputar na competição. Após o diálogo entre os/as mediadores/as e o/a professor/a, chegamos a um consenso sobre as práticas que seriam mais inclusivas para todos.
- **Inclusão como Regra:** Durante a escolha das práticas corporais, os grupos foram desafiados a pensar em como incluir colegas com deficiência ou alunos/as surdos/as. Isso fez com que a "estratégia" do time passasse a ser o cuidado e não apenas a tática de jogo.
- **O Papel dos/as Mediadores/as:** Eles/as não foram apenas "capitães". Eles/as foram orientados a ouvirem os colegas, levarem as sugestões do grupo para as rodas de conversa, e representarem os colegas de equipe em determinadas práticas dialógicas.



2. DINÂMICA DO JOGO

10

METODOLOGIA CALLEJERA: MAIS QUE UM JOGO, UMA LIÇÃO DE ÉTICA

A Metodologia Callejera tem suas raízes no "Fútbol Callejero" (Futebol de Rua). Essa metodologia permite que ela seja aplicada a diversas outras práticas corporais e esportivas (como Voleibol, Basquetebol, Handebol e jogos populares). Ao levarmos a Metodologia Callejera para outras modalidades, mantemos o foco no que realmente importa: a mediação de valores como o respeito, a solidariedade e a cooperação, independentemente da bola que está em jogo. Diferente do esporte institucionalizado, onde as regras são universais e rígidas, na Metodologia Callejera a essência está na construção coletiva e no diálogo.

Nesta abordagem, o jogo não é um fim em si mesmo, mas um meio para exercitar valores éticos. Ela se baseia na premissa de que os/as participantes são capazes de gerir seus próprios conflitos, transformando a quadra em um espaço de aprendizagem democrática.



A PRÁTICA: O JOGO EM TRÊS TEMPOS

Utilizando essa metodologia, a dinâmica das aulas e dos jogos escolares é dividida em três momentos fundamentais:

1º Tempo: (Antes do Jogo) As equipes se reúnem em uma roda de conversa. Sem a presença de um juiz autoritário, os/as estudantes dialogam e acordam as regras que valerão para aquela partida. Eles/as podem criar regras de pontuação diferenciada para garantir que todos/as joguem, promovendo a equidade.

2º Tempo: (O Jogo) A partida é realizada com base nos acordos feitos. Nessa metodologia o jogo acontece sem a figura de um árbitro. O/a professor/a atua como um/a facilitador/a (mediador), observando a dinâmica sem interferência, anotando os principais acontecimentos referente aos três pilares da Metodologia: Respeito, Cooperação e Solidariedade, que serão problematizados no terceiro tempo.

3º Tempo: (Pós-Jogo) Após o apito final, os times se reúnem novamente. O resultado não é definido apenas pelos gols ou pontos técnicos. O grupo avalia se os acordos do 1º tempo foram cumpridos. É contabilizado as pontuações extras de cada equipe através dos pilares da metodologia: Respeito, Cooperação e Solidariedade.



1º TEMPO
ACORDO DAS REGRAS



2º TEMPO
JOGO

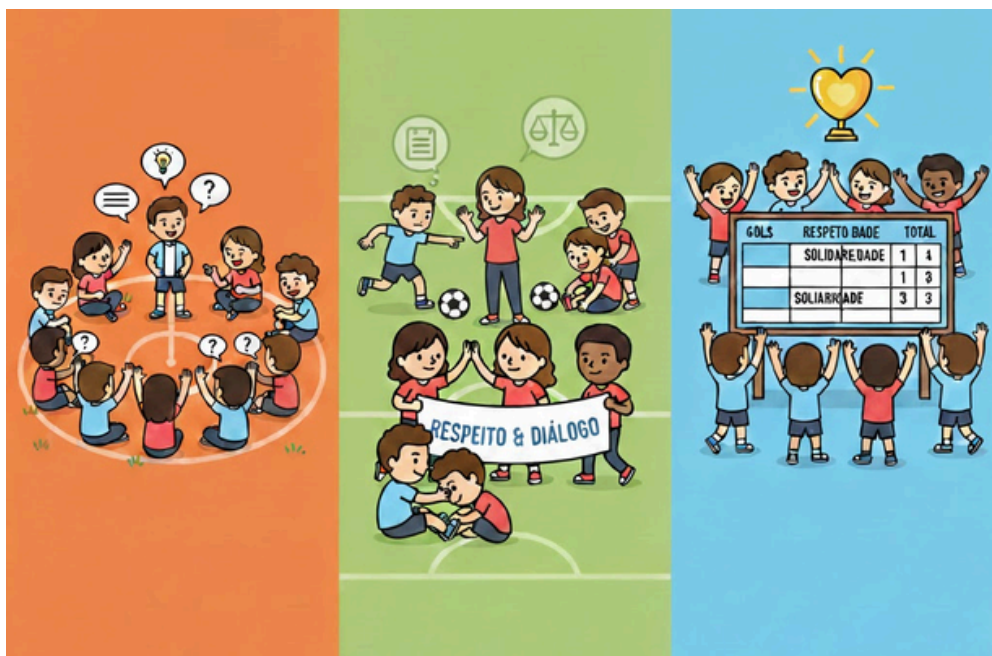


3º TEMPO
CONTAGEM DOS PONTOS

No 3º tempo, a roda de conversa não é apenas um "bate-papo", é o momento de validar os valores vividos no jogo. A pontuação final é construída coletivamente, seguindo este critério:

Tabela de Pontuação Callejera

CRITÉRIO	PONTUAÇÃO
DESEMPENHO (<i>Gols / Pontos</i>)	Equipe que fez mais gols/pontos: + 2 pontos Equipe que fez menos pontos: +1 ponto Em caso de empate: +1 ponto para cada equipe
RESPEITO (<i>Às regras e ao adversário</i>)	+ 1 ponto extra
SOLIDARIEDADE (<i>Atos solidários Ex: ajudar o colega a se levantar</i>)	+ 1 ponto extra
COOPERAÇÃO (<i>Se todos/as participaram ativamente/efetivamente</i>)	+ 1 ponto extra



EXEMPLO DE SIMULAÇÃO DE JOGO COM A METODOLOGIA CALLEJERA

No jogo do futsal o **Time A** fez **5 gols** e o **Time B** fez **2 gols**. No jogo tradicional, o **Time A venceria**. Na Metodologia Callejera, sentamos para o 3º Tempo:



Desempenho (*Quem fez mais gols*): **Time A** ganha **2 pontos** | **Time B** ganha **1 ponto**.

Respeito: Ambos respeitaram as regras e adversário. (+1 ponto para cada).

Solidariedade: Um aluno do **Time B** fez um **ato solidário** com algum colega do **Time A**. O **Time B** ganha 1 ponto extra de solidariedade.

Cooperação: No **Time A**, um aluno centralizou o jogo. No **Time B**, **todos jogaram** e se sentiram protagonistas no jogo. **Time B** ganha o ponto extra de Cooperação. **Time A** não ganha.

PLACAR FINAL: **Time A**: 3 pontos. **Time B**: 4 pontos.

RESULTADO: Vitória do **Time B**. As pontuações extras mostraram que a ênfase no rendimento não é tudo, e que não deve estar acima da ética.

RESULTADOS DA INTERVENÇÃO

Na intervenção, a aplicação da Metodologia Callejera em modalidades diversas revelou resultados potentes:

- **Autonomia na Resolução de Conflitos:** Alunos/as que antes dependiam do professor para "apitar" faltas passaram a negociar e reconhecer seus próprios erros de forma honesta.
- **Zelo pelo Respeito e Ética:** Houve um aumento significativo na vigilância ética; os/as alunos/as tornaram-se guardiões das regras, evitando infrações ou desrespeitos, pois compreenderam que a conduta do time era determinante para a pontuação final.
- **Cultura de Paz:** O 3º tempo tornou-se um espaço de escuta, onde sentimentos de frustração ou alegria eram compartilhados, humanizando a competição.



3. DIÁLOGO NA QUADRA

15

A CENTRALIDADE DA DIALOGICIDADE

O alicerce deste projeto pedagógico reside na dialogicidade, um conceito freiriano que compreende o diálogo não como um simples depósito de ideias de um sujeito no outro, mas como um encontro entre homens e mulheres para "pronunciar o mundo". Na Educação Física escolar, a dialogicidade transforma a quadra em um espaço de investigação e humanização.

A importância de priorizar o diálogo em detrimento da regra imposta externamente justifica-se por três pilares fundamentais:

1. **A Quebra da Passividade:** Quando o/a aluno/a é convidado a dialogar sobre as regras, ele/a deixa de ser um mero executor de movimentos para se tornar um sujeito pensante. Ele/a entende o porquê da regra, e não apenas como cumpri-la.
2. **A Construção da Ética Viva:** Valores como respeito e solidariedade deixam de ser conceitos abstratos (palavras em um cartaz na parede) e passam a ser vivenciados na prática. O diálogo obriga o/a aluno/a a olhar para o outro, reconhecer suas limitações e potências, e ajustar o jogo para que todos caibam nele.
3. **Gestão Democrática do Conflito:** O conflito é inerente ao esporte e à vida. A dialogicidade ensina que o conflito não deve ser suprimido pela autoridade do professor-juiz, mas mediado pela palavra. Aprender a discordar com respeito e negociar soluções é a maior lição para a formação cidadã.



- **Escuta Ativa, não Interrupção:** No 1º e 3º tempos, seu papel é ouvir. Intervenha apenas se o diálogo travar ou se houver um desrespeito grave que os/as alunos/as não consigam notar.
- **Neutralidade Curiosa:** Não diga "isso está errado". Pergunte: "Como isso afeta o grupo?". Deixe que eles/as sintam o peso das decisões.
- **Descentralização do Saber:** Se um/a aluno/a perguntar "Professor, foi falta?", devolva a pergunta para os/as mediadores/as da rodada ou para os/as jogadores/as envolvidos: "O que vocês acordaram no primeiro tempo sobre esse tipo de contato?".
- **Valorização do Processo:** Elogie não apenas o gol ou ponto, mas a honestidade de quem admitiu uma falta ou a paciência de quem auxiliou um/a colega.



No 1º Tempo (O Acordo)

- "Como podemos garantir que todos/as os/as integrantes do time toquem na bola nesta partida?"
- "Existe alguém aqui que se sente inseguro com este esporte? Que regra podemos criar para que essa pessoa se sinta parte do jogo?"
- "O que faremos se houver uma divergência de opinião durante o jogo para não precisarmos parar a atividade por muito tempo?"

No 3º Tempo (A Reflexão)

- "O placar técnico foi X a Y. Mas e o placar ético? Nós fomos honestos com os acordos que fizemos?"
- "Houve algum momento em que alguém se sentiu excluído? Como podemos melhorar isso no próximo jogo?"
- "Quem aqui reconhece que um adversário ajudou a manter o jogo limpo?"



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta jornada pela páginas deste e-book, fica o convite para que as competições esportivas escolares sejam vistas não apenas como um fim em si mesmo, mas como um meio para algo muito maior. A aplicação da Metodologia Callejera nos mostrou que o jogo é um dos laboratórios mais potentes para o exercício da democracia e da cidadania. Ao priorizarmos a dialogicidade, permitimos que os/as alunos/as deixem de ser meros executores de regras impostas para se tornarem protagonistas de seus próprios acordos. Aprendemos que o respeito, a cooperação e a solidariedade não são ensinados com teoria, mas com a vivência prática de ter que olhar para o lado, ouvir o colega e negociar soluções em conjunto.

Esperamos que as ferramentas e reflexões aqui apresentadas sirvam de apoio para a sua caminhada pedagógica. Mediar o diálogo em vez de apenas apitar faltas exige paciência e uma mudança de postura do/a educador/a, mas os frutos colhidos na autonomia e no amadurecimento dos/as estudantes compensam cada minuto de conversa. Que cada jogo seja uma oportunidade de construir pontes, e que o maior placar conquistado pelos/as alunos/as seja a capacidade de conviver, respeitar e transformar a realidade através do diálogo. Agora, a bola está com você: que a sua prática seja sempre um espaço de encontro e humanização.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17° ed. Rio de Janeiro,: Paz e Terra, 1987.

MESQUITA, I. et al. **Modelo de Educação Esportiva: Da aprendizagem à aplicação**. Revista Educação Física/UEM, v. 25, n. 1, p. 1-14, 2014.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. **A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, vol. 7, nº3, p. 401–421, 2007.

REVERDITO, R. S. et al. **Competições Escolares: Reflexão e Ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na Escola**. Revista PENSAR A PRÁTICA 11/1: 37-45, jan./jul. 2008.

SOUZA JUNIOR, O. M; MARTINS, M. Z; BELMONTE, M. M. **Futebol Callejero E Educação Física Escolar: A Explicação Dos Saberes Atitudinais Pelo Jogo Em Três Tempos**. In: Congresso Internacional De Pedagogia Do Esporte, 6., 2015, Maringá. Anais. Maringá: Uem, 2015. P. 1-6.

VAGO, T. M. **O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht**. Revista Movimento, Ano III - Nº 5, 1996.

VARGAS, T. G. *et al.* **A Experiência do Sport Education nas aulas de Educação Física: Utilizando o modelo de ensino em uma unidade didática de Futsal**. Revista Movimento, v. 24, n. 3, p. 735–748, jul. 2018.

VAROTTO, N. R.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Futebol callejero: um olhar para os processos educativos**. FuLiA/UFMG, v. 4, n. 2, p. 43–60, 2019.